

A Psicologia na visão Africana: uma reflexão da necessidade de contextualizar a Psicologia¹

 Mangani Fineza André Lopes²

Recibo: 03.03.2024
Aceito: 10.03.2024
Publicado: 18.03.2024

Resumo. A presente pesquisa tem como objectivo: refletir sobre a necessidade de se contextualizar a Psicologia no contexto africano. O método é qualitativo e fez-se revisão bibliográfica. Resultados: existem estudos científicos sobre a Psicologia na perspectiva africana, cuja abordagem formal começou a emergir na década de 1960 com a fundação da “Association Black Psychology.” Ela reconhece e assume a pluralidade epistemológica do mundo, entretanto aponta a pertinência e a necessidade da “visão de mundo africana” para pesquisar e trabalhar com povos afrodescendentes tanto no continente como na diáspora com vista à promoção da libertação física, mental e espiritual. Grande parte dos estudos da Psicologia foram realizados numa visão epistemológica eurocêntrica e esta perspectiva não reconhece a pluralidade dos saberes fora do eurocentrismo. A Psicologia em Angola é muito recentemente, isto é, desde 2003, data em que se começou a formar os primeiros Psicólogos. Conclusões: a necessidade de se reflectir numa Psicologia com abordagem do contexto africano é notável. Há muitos anos que os fenómenos existenciais da humanidade, incluindo os fenómenos psicológicos da realidade de África são interpretados de acordo com as perspectivas psicológicas, métodos, técnicas e instrumentos cientificamente estabelecidos no ocidente e de acordo com aquela realidade.

Palavras-chave: Contextualização da Psicologia; Psicologia negra; Psicologia Africana e Psicologia em Angola.

Psychology from the African view: a reflection of the need to contextualize Psychology

Abstract. This research aims to: reflect on the need to contextualize psychology in the African context. The method is qualitative and a literature review was carried out. Results: there are scientific studies on psychology from an African perspective, whose formal approach began to emerge in the 1960s with the founding of the “Association Black Psychology.” It recognizes and assumes the epistemological plurality of the world, however it points out the relevance and need for the “African worldview” to research and work with Afro-descendant peoples both on the continent and in the diaspora with a view to promoting physical, mental and spiritual liberation. Most psychology studies were carried out from a Eurocentric epistemological perspective and this perspective does not recognize the plurality of knowledge outside Eurocentrism. Psychology in Angola is very recent, that is, since 2003, when the first psychologists began to be trained. Conclusions The need to reflect on a psychology approach to the African context is notable. For many years, the existential phenomena of humanity, including the psychological phenomena of the reality of Africa, have been interpreted in accordance with the psychological perspectives, methods, techniques and instruments scientifically established in the West and in accordance with that reality.

Keywords: Contextualization of Psychology; Black Psychology; African Psychology and Psychology in Angola.

La psicología desde una perspectiva africana: un reflejo de la necesidad contextualizar la Psicología

Resumen. Esta investigación tiene como objetivo: reflexionar sobre la necesidad de contextualizar la psicología en el contexto africano. El método es cualitativo y se realizó una revisión de la literatura. Resultados: existen estudios científicos sobre la psicología desde una perspectiva africana, cuyo enfoque formal comenzó a surgir en la década de 1960 con la fundación de la “Asociación de Psicología Negra”. Reconoce y asume la pluralidad epistemológica del mundo, sin embargo, señala la relevancia y necesidad de que la “cosmovisión africana” investigue y trabaje con los pueblos afrodescendientes tanto del continente como de la diáspora con miras a promover la salud física, mental y social, y liberación espiritual. La mayoría de los estudios de psicología se llevaron a cabo desde una perspectiva epistemológica eurocéntrica y esta perspectiva no reconoce la pluralidad de conocimientos fuera del eurocentrismo. La psicología en Angola es muy reciente, es decir, desde 2003, cuando comenzaron a formarse los primeros Psicólogos. Conclusiones: es notable la necesidad de reflexionar sobre una psicología que aborde el contexto africano. Durante muchos años, los fenómenos existenciales de la humanidad, incluidos los fenómenos psicológicos de la realidad de África, han sido interpretados de acuerdo con las perspectivas, métodos, técnicas e instrumentos psicológicos científicamente establecidos en Occidente y de acuerdo con esa realidad.

Palabras clave: Contextualización de la psicología; Psicología negra; Psicología Africana y Psicología en Angola

¹ DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10832494>

² Universidade Católica de Angola (UCAN) mangani.lopes@ucan.edu

Introdução

A presente pesquisa surge no âmbito da necessidade de se conhecer os estudos sobre a Psicologia que se faz em África e/ou para o contexto do continente. Nota-se uma ausência evidente no subsistema de ensino superior, conteúdos que abordam sobre a Psicologia na perspectiva africana. Infelizmente, essa é uma realidade na maioria das universidades e institutos superiores em Angola ou muito provavelmente em todas elas.

Pelo menos nos últimos anos fala-se sobre a necessidade de se contextualizar a ciência (neste caso concreto a Psicologia), mas parece que isso não passa de um mero discurso. A maioria dos que se formam em Psicologia em Angola adota e trabalha com a visão ocidental (ou euro-americana). Isto por causa do modelo de ensino das nossas instituições que, se limita em falar da história da Psicologia do ocidente, o mais concretamente da Grécia antiga, da Roma e depois se descortina um pouco para a América e fica-se por aí. Mas como dizem Koerich *et al.* (2009) “a função da universidade não pode restringir-se ao ensino técnico-científico formal, mas também em oferecer oportunidades para aplicar tais conhecimentos na prática”.

Chamizo & Izquierdo (2005, p.9) acrescentam que: “*Los conceptos científicos surgen de situaciones problemáticas y, por lo tanto, requieren una situación real a la que se aplican y en la que toman sentido*”.

Como Psicólogos, há toda uma necessidade de compreendermos a realidade em que estamos inseridos para sabermos actuar de acordo com a sua característica específica. Pois, parte-se do pressuposto de que, a cosmovisão difere de povo para povo e a África não foge da regra. Apesar da chamada globalização, existem ainda diferenças enraizadas nos seios dos diferentes povos do globo e estas diferenças devem ser identificadas e tidas em conta, sob pena de negarmos uns e valorizarmos mais outras e não é essa a intenção legítima da ciência. Obviamente que é perpétua a necessidade de intercâmbio de saberes da área entre os especialistas da mente com o intuito de crescimento dos mesmos num princípio de igualdade e colaboração.

Psicologia Africana

A Psicologia africana começou a ser pensada e estruturada como um campo de estudo contemporâneo a partir da criação da *Association Black Psychology (ABPsi)* ou Associação de Psicologia Negra, nos Estados Unidos na década de 1960, dentro do contexto dos movimentos pelos Direitos Civis e do Poder Negro (Black Power). Segundo Nobles (2015), um dos fundadores da ABPsi e da Psicologia Africana enquanto campo de estudo, esta associação era formada por Psicólogos negros e tinha como principais objectivos: 1º Organizar as suas competências e habilidades para influenciar mudanças necessárias e o 2º Abordar os problemas significantes que afectam a comunidade negra e outros segmentos da população cujas necessidades a sociedade não supria.

A ABPsi, dizem Nogueira e Guzzo (2016) surge como uma instituição independente da *American Psychology Association* ou Associação Americana de Psicologia (APA) que, na visão da ABPsi assumiu, na época, uma postura defensora pelo carácter branco racista da sociedade estadunidense e por fracassar no oferecimento de modelos e programas que visavam a resolução de problemas afro-americanos causado pelo racismo americano.

Além da ABPsi, os seus criadores viram-se na necessidade de criar uma disciplina denominada, “Psicologia Negra”. Muitos estudiosos ergueram-se para estudar profundamente as ideias africanas para a construção da disciplina que se pretendia instituir. Entre os autores, alistam-se: King, Dixon e Nobles (1976); Akbar (1984, 1990); Azibo (1989); Hilliard (1986); Nobles (1972, 1986^a, 1986^b, 1997); Myers (1988); Kambon (1992), Wilson (1993); Grills e Rowe (1996). Apresetença da elaboração de uma disciplina afrocentrada concretizou-se através dos estudos levados a cabo sobre afrodescendentes e perspectivas da comunidade afrodescendente.

Segundo Karenga (1986), trata-se uma área do saber que se interessa pelo desenvolvimento de uma disciplina que não só estuda o comportamento de pessoas negras, mas buscam também transformá-las em agentes conscientes sobre si mesmo e sua própria libertação mental e política. Isto é alcançado através de três aspectos que devem ser levados em consideração, que são: 1- Uma crítica e rejeição severa à Psicologia branca, nos termos da sua metodologia, conclusões e premissas ideológicas nas quais se encontram assentes; 2- Provisões de modelos afrocentrados de estudo e terapia e 3- Intervenções autoconscientes nos esforços sociais para a promoção de um ambiente mais negro e humano.

Adopta uma postura de desenvolver intervenções sociais autoconscientes para a promoção de “um ambiente negro e humano” está mais relacionada com uma preocupação de reparar a consciência sobre a história e cultura africana que foi propositadamente desqualificada, silenciada e apagada nos últimos 400 anos, do que com uma postura segregacionista, conforme podemos notar na descrição do segundo objectivo da ABPsi (Nobles, 2015).

Mas, é importante que fique claro que, diferentemente da ideologia eurocêntrica que se posiciona como o único modelo de humanidade válido, a perspectiva voltada para a África reconhece e assume a pluralidade epistemológica do mundo, entretanto, aponta a pertinência e a necessidade da “visão de mundo africana” para pesquisar e trabalhar com povos afrodescendentes tanto no continente como na diáspora com vista à promoção da libertação física, mental e espiritual (Akbar, 2004; Karenga, 1986).

As décadas de 60 e 70 ficaram marcadas com o surgimento de pesquisadores africanos, isto é, do continente e da diáspora com a produção sistemática de uma ciência multi-intertransdisciplinar culturalmente consistente com a visão de mundo africana, ou seja, a forma de sentir, pensar e agir própria de um povo. Embora esse movimento científico tenha tomado forma e consistência nestas décadas, o seu início é muito anterior a esta data e aconteceu em diversas partes do continente e da diáspora africana (Silva & Silva, 2006).

Os Psicólogos indígenas incorporaram e desenvolveram teorias com vários conceitos nativos que colaboram para compreensão e resolução de problemas enfrentados pelos povos locais de uma maneira mais consistente e coerente com suas experiências e leituras do mundo cultural. É na perspectiva do relacionismo metodológico que a Psicologia Africana pode e vem sendo desenvolvida. Um dos conceitos nativos a título de exemplo é: “Ubuntu” que significa “eu sou porque nós somos, e porque nós somos então eu sou” (Bono, 2015; Nogueira, 2013; Ramose, 2010; Akbar, 2004 citados por Nogueira & Guzzo, 2016).

Os Psicólogos afrodescendentes têm procurado estudar e incluir as populações e as realidades excluídas aos estudos científicos da Psicologia, isto porque a maior parte dos estudos deste campo foram realizados durante muito tempo com uma população quase que exclusivamente branca, das sociedades europeias e americanas. Como se não bastasse, a partir de tais estudos generalizavam e continuam até aos nossos dias, assumi-las como globais.

A Psicologia em Angola

A Psicologia em Angola conheceu três momentos que são:

Época colonial ou primeira época. Segundo Saveia, Bastos e Pixoto (2015), o resultado do seu estudo indicou que, em Angola, enquanto colónia a inserção da Psicologia baseou-se na adaptação do homem ao trabalho.

Época pós-colonial ou segunda época. Marcada a partir de 1975. Depois desta data, angolanos com formações em Psicologia com destaque na educação passaram a ocupar-se na docência com a criação do ISCED (Instituto Superior de Ciências da Educação), a maior actividade dos Psicólogos passou a ser a docência. Com a criação da ANGOPSI, a Psicologia conhece novos contornos, na medida em que passou a ser mais divulgadas, através dos debates promovidos até

mesmo pela mídea. Viu-se a necessidade de actuação dos profissionais desta área para ajudar a mitigar as várias sequelas deixadas pela guerra ou conflitos armados, como a desestruturação das famílias (Saveia *et al*, 2015).

Época pós-guerra civil ou terceira época. Importa referir que a Psicologia em Angola é muito recentemente. As primeiras turmas de estudantes do curso de Psicologia no país começaram por volta de 2003, através de algumas instituições de ensino superior privadas, tais como: Universidade Jean Piaget de Angola (UJPA) o Instituto Superior Privado de Angola (ISPRA) e Universidade Privada de Angola (UPRA). A primeira ofereceu o curso de Psicologia voltada à clínica e a segunda na área mais genérica. Com a conquista da paz, a actuação do Psicólogo é requerida devido a problemas causados durante a guerra como stress pós-traumáticos (Saveia *et al.*, 2015).

Apesar de já ter começado a surgir formados em Psicologia em Angola, o estudo de Saveia (2013) constatou a maioria destas pessoas dedicavam-se a docência e quase que não exerciam a profissão como tal. a percentagem dos Psicólogos que exercem a profissão é de 32,20%.

A necessidade de se contextualizar a Psicologia: Reflexão

Na perspectiva da natureza da pesquisa científica, não há verdades científicas absolutas, pois todo conhecimento científico é provisório e dependente do contexto histórico, no qual os fenômenos são observados e interpretados. Além disto, os próprios padrões de pesquisa estão sujeitos à mudança, à luz da prática, não havendo, portanto, uma metodologia científica universal e histórica (Engel, 2000).

Como é do nosso conhecimento, os principais estudos sobre a Psicologia têm antecedentes europeus, segundo nos faz saber as literaturas que encontramos actualmente na academia, mas segundo Nogueira e Guzzo (2016), tais estudos foram e/ ou são realizadas numa visão epistemológica eurocêntrica e esta perspectiva não reconhece a pluralidade dos saberes cujas visões encontram-se fora do eurocentrismo. O que significa dizer que, desconsidera os saberes e as particularidades de outros povos considerados por eles como inferiores, entre os quais os africanos e os latino-americanos.

Para Santos (2010), o pluralismo epistemológico baseia-se em quatro princípios orientadores, que contém uma postura ético-política correspondente à uma lógica inclusiva: Todo o conhecimento científico-natural é científico-social; Todo o conhecimento é local e total; Todo o conhecimento é autoconhecimento e Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

Loff, Ferreira e Caramelo (2015) trazem-nos à reflexão as razões legítimas que devem impelir os cientistas de todas as áreas, a pensarem, estudarem e pesquisarem a África, para compreenderem, criarem e aplicarem assertivamente os resultados. Pois, os países africanos vivem o paradoxo de serem na sua maioria ricos em recursos humanos e naturais, mas é arrasada pela pobreza injusta e inventada. Face aos dilemas que o continente enfrenta, os autores exortam que, já é a hora de se empreender investigações, estudos, projectos e programas que são realizados por investigadores africanos que contam com o apoio e financiamento adequados e sobre temas e problemáticas, que são realmente relevantes e de acordo com a demanda dos próprios povos e sociedades africanas. Estudos que devem contemplar medições estatísticas adequadas para permitir análises e avaliações de cada país e sua evolução. As investigações com bases qualitativas devem incluir suportes qualitativos, que permitem elaborar alguns indicadores e linhas de base que levam em conta a multidimensionalidade e multitemporalidade dos problemas locais de modo a permitir que se façam projeções futuras adequadas. O máximo que o ocidente e o norte global devem fazer a respeito disso, é não pôr mais obstáculos para realização das pesquisas nas sociedades há muitos anos subjugadas e menos prezadas.

Ao interpretar os fenómenos, precisamos contextualizar para não incorrerem a erros crassos e consequentemente cairmos nas graças da vergonha, ou seja, será como se estivessemos a dar tiro no escuro. Isso deve ser levado a peito no caso concretamente dos Psicólogos, porque segundo Sabune (2010, p. 1), “há muitos anos que os fenómenos existenciais da humanidade, incluindo os fenómenos psicológicos da realidade de África são interpretados de acordo com as perspectivas psicológicas, com métodos, técnicas e instrumentos cientificamente estabelecidos no ocidente” e de acordo com aquela realidade. O autor aponta ainda que, esta ciência tem se mostrado ineficaz, durante muito tempo, em algumas situações, no que toca a resolução satisfatória dos problemas psicológicos dos africanos devido, não só às diferenças culturais, entre ambas as sociedades, na sua essência, mas também pelas leis humanas que regem o povo africano. Para este povo, o ser humano na sua essência, vai além do biológico, do psicológico e do social, transcende à dimensão espiritual (não necessariamente relacionada à religião) e as suas respectivas relações com o universo.

Facto que contradiz o pensamento ocidental, que sempre procurou manipular a identidade africana, colocando sempre o africano como um ser não pensante, alegando que o africano era primitivo, supersticioso, não civilizado, sem história e sem cultura. Os dados arqueológicos trazem-nos as evidências da história dos habitantes da África, os seus modos de vidas e suas práticas desde a era pré-histórica que contradizem tais afirmações. Sendo que uma das eras marcantes é a idade da pedra, uma época em que já existiam, no continente, indústrias de fabricos de utensílios para vários fins, como a caça e cortes (Ki-Zerbo, 2010).

É evidente que a Psicologia que se faz em Angola (como parcela do continente) precisa urgentemente de contextualização, porque ela foi desenvolvida pensando num contexto muito diferente da nossa realidade, angolana em particular e africano de modo geral. Sande (2011) diz que, as teorias psicológicas pré-elaboradas precisam ser contextualizadas e reelaboradas de acordo com o contexto em que forem aplicadas. Mphahlele é um dos defensores desta ideia, pois ele percebeu que o povo africano tem a sua especificidade na sua maneira ser e estar, na sua cultura e até mesmo na forma como tratam das questões religiosas.

Povo de Josina Machel (Moçambique): um exemplo da necessidade de se contextualizar a Psicologia. Trata-se de um trabalho que alguns Psicólogos fizeram em Moçambique, no âmbito do projecto de estudo com o título: “*Reconstruindo a Esperança na Ilha Josina Machel: em Direção a um Modelo de Intervenção Psicoterapêutica Culturalmente Mediado*” de Junior e Errante (s.d.). No intuito de fazer acompanhamento psicológico às crianças com traumas de guerra, o grupo de especialistas percebeu, em algumas circunstâncias, a necessidade de se actuar com uma abordagem que não se enquadra nos modelos tradicionais que foram criados nas realidades ocidentais, pois este último tem os seus limites quando se leva em conta a especificidade cultural de cada povo.

A narrativa que se apresenta aqui pode-se ver no texto de Bóia Efraime Junior e Antoinette Errante, intitulado “*Reconstruindo a Esperança na Ilha Josina Machel: em Direção a um Modelo de Intervenção Psicoterapêutica Culturalmente Mediado*”.

A par de muitos estudiosos, Junior e Errante (s.d.) assumiram que emerge sim uma necessidade de se levar em conta as especificidades das culturas quando o assunto é actuação do Psicólogo em determinada cultura ou sociedade. Pois cada cultura tem a sua forma de explicar e compreender a fonte de seus traumas, como suas experiências são elaboradas e manifestas em distúrbios psicológicos e mesmo as soluções ou os mecanismos que as pessoas buscam para lidar com situações de extrema opressão.

Os especialistas constataram que o povo de Josina Machel já possuía recursos terapêuticos tais como xamãs e líderes religiosos que agregavam uma legitimidade e valor cuja existência é desde os tempos mais antigos. Ao fazerem aconselhamentos e apoio, perceberam que as ferramentas de diagnóstico e abordagens terapêuticas tinham apenas valor limitado. A psicotraumatologia convencional tende a ter como foco a experiência individual. Mesmo quando se trata da natureza do trauma colectivo. Tendemos a abordar este último como se fosse meramente o

que emerge da soma total das respostas individuais a eventos traumáticos. Assim, os especialistas aprenderam que, o trauma se tinha insinuado na própria estrutura da vida comunitária; mas só poderiam alcançar o âmago desta dinâmica compreendendo o “mundo de significados” ou a cosmologia comunitária (Avruch *et al.*, 1991). Esta cosmologia sublinhava a compreensão das pessoas do que significava estar saudável ou doente, e nossa primeira lição foi de que a doença não é universalmente concebida como um fenômeno individual (p. 9).

Segundo os autores, levar em conta a dimensão cultural ajuda a compreender como podem ocorrer as confluências nas relações sociais pela maneira subjectiva na qual os indivíduos e as comunidades percebem, explicam, elaboram e tentam integrar suas experiências traumáticas. De acordo com a particularidade percebida no seio dos jovens pacientes de Josina Machel, os Psicólogos classificaram em termo individual, os distúrbios prevalentes em cinco categorias: socialização, personalidade, capacidades cognitivas, respostas psicossomáticas e relacionadas com o corpo, e respostas contextuais específicas. As quatro primeiras categorias relacionavam-se aos sintomas que já são conhecidos pelos Psicólogos que trabalham com crianças traumatizadas. Enquanto que a última categoria abarcava os sintomas que estavam frequentemente presentes, mas não podiam ser melhores organizados em uma síndrome com os instrumentos diagnósticos ocidentais existentes.

Assim sendo, foram incluídos nesta categoria todos os sintomas que não são interpretáveis com o uso dos instrumentos clássicos de psicodiagnose. Isoladamente, não é possível agrupar estes sintomas em síndromes; facto que torna difícil estabelecer a relação entre eles e identificar o seu significado. Mas, as crianças e os jovens com quem trabalhavam expressavam certos comportamentos que são considerados anormais pelas pessoas que os cercavam. Visto que tais características não eram, pelo menos em dado momento, clinicamente diagnosticáveis, sua prevalência deu-lhes a entender que estes sintomas provavelmente faziam parte dos aspectos da elaboração psíquica de conflitos típicos dentro das tradições culturais moçambicanas. Na perspectiva dos Psicólogos, isto envolvia trabalhar com as normas culturais e cosmologia locais, através das quais as crianças e os jovens compreendiam e atribuíam significados a suas experiências.

É interessante notar a reacção inicial do povo de Josina Machel face à presença dos Psicólogos. Os especialistas relatam: A resposta inicial deles foi que não estavam precisando de ajuda psicológica ou espiritual; na verdade, isso tradicionalmente fazia parte do domínio dos líderes com quem tínhamos falado e eles explicaram que haviam lidado com os problemas espirituais resultantes da guerra (p. 26).

“Ficou claro que a questão não era falta de recursos, mas um baixo nível de tolerância à frustração, uma fraca orientação para o futuro, e certo grau de desprezo pela produção agrícola tradicional” (p. 28).

Nesta conjuntura, a equipa de especialistas foi percebendo que intervenção psicoterapêutica se refere a qualquer coisa que ajuda a criança (de um modo geral, o indivíduo) a elaborar e dar sentido às suas experiências, e construir a ponte necessária à integração dessas experiências e em vez de impor símbolos e psicodiagnósticos ocidentais, aplicaram uma abordagem pragmática por começar a entender como os símbolos culturais e cosmologias locais davam significado a suas experiências.

Neste processo, foram envolvidos terapeutas, activistas, os curandeiros e outros líderes espirituais importantes para a criança e para sua família em discussões de casos. Facto que mostra que se reconhecia e honrava a cultura e as tradições locais. Depois de se identificar as especificidades da cultura e cosmologia daquele povo, o grupo achou por bem implementar a “psicoterapia imaginativa.”

Método

Nesta pesquisa utilizou-se a abordagem metodológica qualitativa, que se caracteriza pela interpretação dos fenómenos e atribuições dos significados. O pesquisador é o instrumento-chave e os dados são analisados indutivamente (Prodanov & Freitas, 2013). Segundo Gonsalves (2003 citado por Carvalho, 2019), permite ao pesquisador fazer abordagem hermenêutica dos objectos.

Quanto aos objectivos, trata-se de uma pesquisa exploratória “ajuda o pesquisador a compreender ou aprimorar o conhecimento sobre um determinado assunto, de modo que, após o seu término, seus resultados possam levar a outras pesquisas com novas abordagens” (Carvalho, 2019, p. 34).

Do ponto de vista do procedimento de colecta de dados, fez-se estudo bibliográfico. Refere-se ao levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita que interessa ao tema (Zassala, 2013). Assim sendo, fez-se colecta de artigos científicos e livros nacionais e internacionais.

Resultados do estudo

Nota-se que, existem estudos científicos sobre a Psicologia na perspectiva africana, cuja abordagem formal começou a emergir na década de 1960 com a fundação da *Association Black Psychology (ABPsi)* ou Associação de Psicologia Negra, nos Estados Unidos. Segundo Nobles (2015), esta associação surge com os seguintes objetivos: 1º Organizar as suas competências e habilidades para influenciar mudanças necessárias; e 2º Abordar os problemas significantes que afectam a comunidade negra e outros segmentos da população cujas necessidades a sociedade não supria.

Os interesses da “*Psicologia negra*” giram em torno do desenvolvimento de uma disciplina que além de estudar o comportamento de pessoas negras, busca também transformá-las em agentes conscientes sobre si mesmos e sua própria libertação mental e política (Karenga, 1986).

A perspectiva da Psicologia voltada para a África reconhece e assume a pluralidade epistemológica do mundo, entretanto, aponta a pertinência e a necessidade da “visão de mundo africana” para pesquisar e trabalhar com povos afrodescendentes tanto no continente como na diáspora com vista à promoção da libertação física, mental e espiritual (Akbar, 2004).

Que fique claro que, a questão central aqui não tem a ver com a cor da pele ou racial, mas com a falta de inclusão de pessoas e contextos de toda sorte nos estudos da Psicologia o que não se evidenciou de forma tão expressiva no percurso da história desta ciência e quando isso acontecesse era mais para se destacar aspectos pejorativos, como se observava na diferença com que os médicos psiquiatras tratavam as populações negras na África colonial, que pode ser deduzido na forma como estes eram tratados no seu cotidiano na colônia. Eram lhes negados os direitos civis, na África do Sul e na Rodésia do sul, por exemplo, eram-lhes proibidos terem relações sexuais interracialis, eram-lhes negados de participar das actividades políticas e a mão de obra eram baratas compulsoriamente (McCulloch, 1995).

Não resta dúvida de que, a contextualização da Psicologia para a nossa realidade é um assunto que se deve ter em conta, pois segundo Engel, (2000), na essência da pesquisa científica, não há verdades científicas absolutas, pois todo conhecimento científico é provisório e dependente do contexto histórico, no qual os fenómenos são observados e interpretados. Além disto, os próprios padrões de pesquisa estão sujeitos à mudança, à luz da prática, não havendo, portanto, uma metodologia científica universal e histórica. É nesta ordem de ideias que a ciência que estuda o comportamento e os processos mentais exige a contextualização, obviamente que isso passa pelos estudos científicos empíricos e/ou pesquisa-acção nas localidades. De modos que a ciência exerça a sua real função, que é melhorar cada vez mais a qualidade de vida das pessoas de acordo com as suas particularidades.

A Psicologia em Angola é muito recentemente. As primeiras turmas de estudantes do curso de Psicologia no país começaram por volta de 2003, através de algumas instituições de ensino superior privadas (Saveia *et al.*, 2015). Isso subentende que existe ainda muito por se fazer para que possamos ter abordagens psicológicas que levam em conta as nossas especificidades culturais e sociais. Assim como se pode constatar no caso da população da aldeia Josina Marcel, em Moçambique, onde depois de os Psicólogos que foram tratar os traumas pós-guerra das crianças identificarem as especificidades da cultura e cosmologia daquele povo, o grupo de especialistas chegou a conclusão de que se deveria se implementar uma psicoterapia funcional para aquele contexto e esta é a “psicoterapia imaginativa”.

Conclusões

Reflectir sobre a contextualização da Psicologia em África não é um exercício fácil, na medida em que é uma realidade pouco estudada, no que esta área da ciência diz respeito, se for comparado com as outras paragens do mundo. Isto também tem muito a ver com a fraca atenção que muitas instituições africanas competentes dão à pesquisa científica em geral e na área da Psicologia em particular.

A necessidade de se reflectir numa Psicologia com abordagem do contexto africano é notável. Pois os principais estudos sobre a Psicologia têm antecedentes europeus, segundo nos faz saber as literaturas que encontramos actualmente na academia. Tais estudos foram localizados numa visão epistemológica eurocêntrica e esta perspectiva não reconhece a pluralidade dos saberes fora do eurocentrismo.

Nesta senda, outra razão que podemos apontar são os princípios do pluralismo epistemológico: ma postura ético-política correspondente à uma lógica inclusiva: Todo o conhecimento científico-natural é científico social; Todo o conhecimento é local e total; Todo o conhecimento é autoconhecimento e Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum (Santos, 2010).

A fragilidade multidimensional do continente africano constitui outrossim, a necessidade de se contextualizar, neste caso a Psicologia, na medida em que, com base nas investigações se possa permitir elaborar alguns indicadores e linhas de base que levam em conta a multidimensionalidade e multitemporalidade dos problemas locais para que se façam projeções futuras adequadas (Loff *et al.*, 2015).

“Há muitos anos que os fenómenos existenciais da humanidade, incluindo os fenómenos psicológicos da realidade de África são interpretados de acordo com as perspectivas psicológicas, métodos, técnicas e instrumentos cientificamente estabelecidos no ocidente” e de acordo com aquela realidade (Sabune, 2010, p. 1). Portanto, assim como cada pessoa tem a sua subjectividade, que não é igual a de ninguém, cada sociedade também tem as suas próprias especificidades que a difere das outras.

Assim precisamos conhecer mais sobre a disciplina “Psicologia africana”, que é pouco conhecida entre nós, para que possamos encontrar linhas orientadoras tanto para as pesquisas bem como para actuação clínica.

Referências bibliográficas

Akbar, N. (2004). *Akbar Papers in African Psychology*. Tallahassee: Mind Productions & Associates. <https://pdfcoffee.com/qdownload/nax27im-akbar-akbar-papers-in-african-psychology-mind-productions-2004pdf-pdf-free.html>

Carvalho, L. O. R., Duarte, F. R., Menezes, A. H. N., Souza T. E. S. [et al.]. (2019). *Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância* Petrolina-PE: Universidade Federal do Vale do São Francisco. <https://portais.univasf.edu.br/dacc/noticias/livro-univasf/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf>

Chamizo, J. A. & Izquierdo, M. (2005). Ciencia en contexto: una reflexión desde la filosofía. *Alambique Didáctica de las Ciencias Experimentales*, 46 (1), 9-17. <https://www.researchgate.net/publication/39215674> Ciencia en contexto Una reflexion desde la filosofia.

Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar, Curitiba*, (16): 181-191. <https://www.researchgate.net/publication/237025093> Pesquisa-acao.

Junior, B. F & Errante, A. (s.d.). *Reconstruindo a Esperança na Ilha Josina Machel: em Direção a um Modelo de Intervenção Psicoterapêutica Culturalmente Mediado*. Tradução: Marinho, F e Loyo, K.

Karenga, M. (1986). *Introduction to Black Studies*. Los Angeles: Sankore Press.

Ki-Zerbo, J. (ed.). (2010). *História geral da África – I: método e pré-história da África* (2ª ed.). Brasília: UNESCO. Acessado em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>

Loff, M., Ferreira, A. S. & Caramelo, J. (Coor.). (2015). *Da descolonização ao pós - colonialismo: perspectivas pluridisciplinares*. Universidade do Porto. Porto. https://up.pt/press/wp-content/uploads/2020/02/Da_descolonizacao_ao_pos-colonialismo.pdf

McCulloch, J. (1995). *Colonial psychiatry and the de African mind*” Cambridge: Cambridge University Press. <http://ndl.ethernet.edu.et/bitstream/123456789/16865/1/1602.pdf>

Nobles, W. (2015) From Black Psychology to Sakhu Djaer: implication form the further development of a Pan African Black Psychology. In: *Journal of Black Psychology*. Vol. 41(5) 399-414.

Nogueira, S. G. & Guzzo, R. S. L. (2016). Psicologia Africana: diálogo com sul global. In *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, 1 (2): 197- 218, <https://doi.org/10.22456/2448-392366828>

Prodanov, C. C. & Freita, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo: Feevale. <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>.

Sabune, A. (2010). Psicologia: perspectiva eurocêntrica e afrocêntrica. *Afrocentricidade, Wordpress*. <https://afrocentricidade.wordpress.com/category/autoria/aniceto-sabune/>

Sande, E. R. (2011). *Reesaminando a Psicologia: uma perspectiva crítica e visão Africana*. <https://eliassantaylor85blogspot.com/2011/03reesaminando-Psicologia-uma-perspectiva.html?m=1>

Santos, B. S. (2010). *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. In Santos, B. S. & Meneses, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 31-83.

Saveia, J. M. (2013). *Psicologia: Formação e exercício profissional em Angola*. (Pós-graduação em Psicologia) Universidade Federal da Bahia – instituto de Psicologia, Salvador-Bahia. Acessado em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/14517/1/TESE>

Saveia, J. M., Bastos, A. V. B. e Pixoto, A. L. A. (2015). A profissionalização da Psicologia em Angola: um percurso em construção. *Rev. estudos e pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro 15 (3): 1096 – 1117. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/19430>

Silva, L. A. & Silva, P. B. 2006. *O jogo das diferenças - multiculturalismo e seus sentidos*. Belo horizonte: Autêntica. <https://www.scielo.br/j/cp/a/TKmpb7srKNcK9HKjKBjxWmh/>

Zassala, C. (2023). *Iniciação à pesquisa científica* (2ª ed.). Luanda: Mayamba.

Como citar: Lopes, M. F. A. (2024). A Psicologia na visão Africana: uma reflexão da necessidade de contextualizar a Psicologia. *Academicus Magazine*, 2(1), 21–29. **DOI:** <https://doi.org/10.5281/zenodo.10832494>